



A Santa Sé

**MENSAGEM DO SANTO PADRE
AOS PARTICIPANTES NO
VI ENCONTRO NACIONAL DOS
PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS CATÓLICOS**

Ilustres Professores Universitários

1. Passou mais de um ano depois do encontro que tivemos por ocasião do Jubileu, mas não diminuiu o impulso que, naqueles dias singularmente preciosos, pudestes alcançar. Foi a ocasião para um encontro pessoal com Ele, Jesus Senhor, em primeiro lugar, o nosso único Mestre. É Ele a fonte viva, o centro de irradiação, o alimento que na Palavra e na Eucaristia se faz sentir experiência interior.

Também foi uma ocasião para uma *consciência cada vez mais aprofundada de Igreja*, na reciprocidade da comunhão e no apoio fraterno entre todos os que se reconhecem em Cristo como membros da mesma grande família. Dele surgiu um *renovado impulso de testemunho*, que foi inserindo no dia-a-dia do trabalho universitário o dinamismo de uma presença significativa, generosa e autêntica.

Reunistes-vos de novo neste encontro, aceitando o convite a "fazer-vos ao largo", que indiquei como horizonte de esperança e de acção a toda a Igreja, e por conseguinte também a vós, para que reflectais sobre as implicações concretas que a perspectiva do novo humanismo acarreta para a vida das vossas Universidades.

2. Esta é uma época de grandes transformações, e também instituições antigas e veneráveis, como muitas das Universidades italianas, estão chamadas a renovar-se. Neste processo entrelaçam-se múltiplos factores, por vezes deveras nobres e dignos; outras vezes, ao contrário,

mais instrumentais, correndo o risco de diminuir o saber por meio de afirmações de si mesmo, sacrificando a profissionalidade docente a uma aprendizagem de tipo utilitário e pragmático.

O Professor é um mestre. Ele não transmite o saber como se fosse um objecto de uso e consumo; mas, antes de tudo, estabelece uma relação sapiencial que, mesmo quando não pode chegar, devido ao número demasiado elevado dos estudantes, ao encontro pessoal, torna-se palavra de vida antes ainda de ser transmissão de noções. *O Professor instrui* no significado originário da palavra, isto é, oferece uma relação substancial à estruturação da personalidade; ele *educa*, segundo a antiga imagem socrática, ajudando a descobrir e a pôr em prática as capacidades e os dons de cada um; ele *forma*, segundo a compreensão humanística, que não limita esta palavra unicamente à necessária aquisição de competências profissionais, mas enquadra-as numa construção sólida e numa co-relação transparente de significados de vida.

3. Vós fostes chamados para o ensino. É uma *vocação*, uma vocação cristã. Por vezes ela é sentida como um projecto próprio desde a mais tenra idade; outras, revela-se através dos acontecimentos, aparentemente casuais, mas na realidade providenciais, que marcam a biografia de cada um. Ali, na Cátedra, Deus chamou-vos pelo nome, a um serviço insubstituível à verdade do homem.

É este o centro do novo humanismo. Ele concretiza-se na capacidade de mostrar que a palavra da fé é realmente uma força que ilumina o conhecimento, o liberta de qualquer servilismo, o torna capaz de fazer o bem. As jovens gerações esperam de vós novas sínteses do saber; não de tipo enciclopédico, mas humanista. É necessário superar a dispersão que desorienta e delinear perfis abertos, capazes de estimular o empenho da investigação e da comunicação do saber e, ao mesmo tempo, de formar pessoas que não acabem por usar contra o homem as enormes e tremendas possibilidades que o progresso científico e tecnológico alcançou no nosso tempo. Como no início da humanidade, também hoje quando o homem quer dispor a seu bel prazer dos frutos da árvore da sabedoria, acaba por se tornar um triste agente de medo, de conflito e de morte.

4. A *reforma em acção* na Itália, que envolve escola e universidade, põe em questão a pastoral eclesial, quer para superar formas de estagnação no diálogo cultural, quer para promover de maneira nova o encontro entre as inteligências humanas, incentivando a busca da verdade, a elaboração científica e a transmissão cultural. Dever-se-ia redescobrir também hoje uma renovada tendência para a unidade do saber precisamente o da *uni-versitas* com coragem inovadora, ao programar a organização dos estudos sobre um projecto cultural e formativo de elevado perfil, ao serviço do homem, de todo o homem.

Nesta obra a Igreja que olha com grande atenção para a Universidade, porque dela recebeu muito e ainda espera muito tem algo para oferecer. Em primeiro lugar, recordando incansavelmente que "o coração de todas as culturas é constituído pela sua aproximação ao

maior dos mistérios: o mistério de Deus" (*Discurso às Nações Unidas por ocasião do 50º de fundação*, n. 9, *Ensinamentos de João Paulo II*, vol. XVIII/2, 1995, pág. 738). Além disso, recordando que só nesta verticalidade absoluta de quem crê, e por isso procura sempre aprofundar a verdade encontrada, mas também de quem procura, e por isso se encontra no caminho da fé a cultura e o saber iluminam de verdade e oferecem-se ao homem como dom de vida.

5. O humanismo cristão não é abstracto. A liberdade de investigação, tão preciosa, não pode significar neutralidade indiferente perante a verdade. A Universidade é chamada a tornar-se cada vez mais um laboratório, onde se cultiva e se desenvolve um humanismo universal, aberto à dimensão espiritual da verdade.

A *diaconia da verdade* representa a tarefa histórica da Universidade. Ela chama à dimensão contemplativa do saber que designa a característica humanista de cada disciplina nas diversas áreas tratadas pelo vosso Congresso. Desta atitude interior deriva a capacidade de perscrutar o sentido dos acontecimentos e de valorizar as descobertas mais audaciosas. A diaconia da verdade é a característica da inteligência livre e aberta. Só encarnando estas convicções no estilo quotidiano o professor universitário se torna portador de esperança para a vida pessoal e social. Os cristãos são chamados a dar testemunho da dignidade da razão humana, das suas exigências e da sua capacidade de investigar e conhecer a realidade, superando desta forma o cepticismo epistemológico, as reduções ideológicas do racionalismo e as oscilações niilistas do pensamento frágil.

A fé é capaz de gerar cultura; não teme o confronto cultural aberto e franco; a sua certeza em nada se parece com o entorpecimento ideológico preconcebido; é luz clara de verdade, que não se contrapõe às riquezas do engenho, mas apenas à obscuridão do erro. A fé cristã ilumina e esclarece a existência em todos os seus âmbitos. Animado por esta riqueza interior, o cristão difunde-a com coragem e testemunha-a com coerência.

6. A cultura não se pode limitar aos âmbitos do uso instrumental: *no centro está e deve permanecer o homem*, com a sua dignidade e a sua abertura ao Absoluto. A obra delicada e complexa de "evangelização da cultura" e de "inculturação da fé" não se contenta com simples ajustes, mas exige um pensamento fiel e uma re-expressão criativa do instrumento metodológico que a Igreja italiana se quis dar nestes últimos tempos: o "projecto cultural orientado em sentido cristão". Ele surge da consciência de que "a síntese entre cultura e fé não é só uma exigência da cultura mas também da fé... Uma fé que não se torna cultura é uma fé que não é plenamente aceite e totalmente pensada, nem fielmente vivida" (João Paulo II, *Carta de instituição do Pontifício Conselho para a Cultura*, 1982).

A esta profunda exigência corresponde o exercício da caridade intelectual. Este é o empenho específico que os universitários católicos estão chamados a realizar, na convicção de que a força

do Evangelho é capaz de profunda renovação. Que o "*Logos*" de Deus se encontre com o "*logos*" humano e se torne o "*dia-logos*", é a expectativa e o desejo da Igreja para a Universidade e para o mundo da cultura.

Que o novo humanismo seja para vós perspectiva, projecto, empenho. Então ele tornar-se-á uma vocação à santidade para todos os que trabalham na Universidade. Vós sois chamados a esta "*medida alta*" no início do novo milénio.

Como confirmação destes meus votos para o vosso Encontro, sobre cujos trabalhos invoco abundantes luzes celestes, envio a cada um e às respectivas famílias uma especial Bênção apostólica.

Vaticano, 4 de Outubro de 2001.